

30 anos da presença ancestral de Lélia Gonzalez entre nós: entre o fazer político e a construção de agendas inegociáveis

30 years of Lélia Gonzalez's ancestral presence among us: politics and the construction of non-negotiable agendas

30 años de la presencia ancestral de Lélia Gonzalez entre nosotros: la política y la construcción de agendas innegociables

Francisco Nonato do Nascimento Filho¹
ORCID: 0009-0004-6048-0189

Geyse Anne Souza da Silva²
ORCID: 0000-0003-0530-5877

Resumo

Este artigo busca estabelecer um diálogo entre as escrituras da prática militante e as teorias que desafiam a lógica colonial, em linha com o pensamento de Lélia Gonzalez. Reflete sobre o engajamento político dos Movimentos Negros e sua capacidade de influenciar agendas não negociáveis ao longo dos últimos 30 anos. Aprofundaremos nos escritos teóricos de Gonzalez enquanto resgatamos, na memória, as agendas, pautas, marchas e mobilizações que marcaram a trajetória de ativistas e intelectuais negros, especialmente no Nordeste brasileiro. Utilizando uma perspectiva militante, exploraremos as contribuições narrativas, teóricas e insurgentes de Lélia Gonzalez para a formação política e afirmativa de toda uma geração que se movimenta a partir da perspectiva amefricana, fundamental para o ato político de erguer a voz e se aquilombar.

Palavras-chave: Lélia Gonzalez; Escrivências; Nordeste; Amefricana.

Abstract

This article aims to establish a dialogue between the writings of militant practice and theories that challenge colonial logic, in line with the thought of Lélia Gonzalez. It reflects on the political engagement of the Black Movements and their ability to influence non-negotiable agendas over the last 30 years. We will delve into Gonzalez's theoretical writings while rescuing, from memory, the agendas, issues, marches, and mobilizations that marked the trajectory of Black activists and intellectuals, especially in the Brazilian Northeast. Using a militant perspective, we will explore the narrative, theoretical, and insurgent contributions of Lélia Gonzalez to the political and affirmative formation of an entire generation that moves from the African American

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Natural de Fortaleza - Ceará, cria do Grande Pirambu, poeta e escritor negro. Idealizador do Diálogos Negros e militante do movimento social negro brasileiro. E-mail: nonatofortaleza@gmail.com.

² Mestranda em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bacharela em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Membro do Grupo Diálogos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares (UECE/UNILAB). Idealizadora do Diálogos Negros e militante do Movimento Negro Unificado. E-mail: geyseannedasilva@gmail.com.

perspective, which is fundamental to the political act of raising one's voice and forming collective resistance.

Keywords: Lélia Gonzalez; Writevivences; Northeast; Amefricana.

Resumen

Este artículo busca establecer un diálogo entre los escritos de la práctica militante y las teorías que desafían la lógica colonial, en línea con el pensamiento de Lélia Gonzalez. Reflexiona sobre el compromiso político de los Movimientos Negros y su capacidad para influir en agendas no negociables a lo largo de los últimos 30 años. Nos adentraremos en los escritos teóricos de Gonzalez mientras rescatamos, desde la memoria, las agendas, los temas, las marchas y las movilizaciones que marcaron la trayectoria de activistas e intelectuales negros, especialmente en el Nordeste brasileño. Utilizando una perspectiva militante, exploraremos las contribuciones narrativas, teóricas e insurgentes de Lélia Gonzalez para la formación política y afirmativa de toda una generación que se mueve desde la perspectiva afroamericana, fundamental para el acto político de levantar la voz y formar resistencia colectiva.

Palabras clave: Lélia Gonzalez; Escrevivências; Noreste; Amefricana

Memórias, leituras e águas: reencontrando Lélia Gonzalez em terras do Ceará

Dileta filha de Oxum³, Lélia Gonzalez tornou-se correnteza que possibilitou a construção de percursos formativos de encantamento para toda uma geração de jovens ativistas dos Movimentos Negros, mulheres negras, estudantes cotistas, povos de terreiro, entre tantos outros. Segundo Gonzalez (1982, p. 18) falar de Movimento Negro implica o tratamento de um tema cuja complexidade, dada a multiplicidade de suas variantes, não permite uma visão unitária. A presença ancestral e o olhar-convite de Lélia Gonzalez seguem sendo referência para os ativismos negros na política e nas demarcações na produção de conhecimento.

O conceito de escrevivência, cunhado pela escritora negra Conceição Evaristo, é fundamento para o desenvolvimento desta escrita militante e engajada. Ela define a escrevivência como um ato que emerge da experiência cotidiana da vida, memórias e lembranças, constituindo-se como uma escrita viva sobre questões que atravessam as vivências negras. Nossa proposta é articular esse conceito à nossa escrita, visando recuperar caminhos e memórias nascidos na periferia e no trânsito entre militância negra e produção acadêmica. Nessa encruzilhada, o ativismo político e a escrita acadêmica convergem, permitindo que, nos últimos trinta anos, graças a Lélia Gonzalez e à insubmissão intelectual de mulheres e homens negros, ocorra

³ Orixá feminina das religiões de matriz africana. Ela é a dona dos rios, das cachoeiras, do ouro, das cores douradas e amarelas, da fertilidade feminina e do amor. As pessoas filhas de Oxum são pessoas de personalidade firme e com liderança, trazendo doçura, delicadeza e características amorosas. Fonte: Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao/oxum.htm>

uma descolonização de olhares e uma (re)territorialização da produção intelectual e política, desafiando estruturas hegemônicas.

Conceição Evaristo (2020) ressalta a importância da escrivência em despertar pessoas brancas que estiveram passivas, alertando que é hora de se levantar. Para ela, a escrivência não deve ser entendida como uma história tranquilizadora para os privilegiados, mas sim como algo capaz de perturbá-los em seus sonhos injustos. Entre a negrada⁴ do Ceará, Lélia Gonzalez circulará nas rodas de conversa por meio dos Movimentos Negros, fortalecendo-se com a circulação de mãos em mãos do livro “Retrato do Brasil Negro”, também conhecido como o “livro vermelho”, organizado por Alex Ratts e Flavia Rios (2010). Alex Ratts, sempre disposto aos convites da juventude negra que adentrava a universidade, compartilhava o sentimento de alegria na chegada ao território acadêmico distante da negra gente e da produção teórica da negrada.

Lutas por educação, feitas pelos Movimentos Negros e por estudantes negros, permitiram enegrecer salas de aula, referências de leitura e colocar na roda a intelectualidade insubmissa negra em debate. Somos parte da geração que é cria⁵ e construtora do Movimento Negro Educador. Nilma Lino Gomes (2017) afirma que os movimentos negros são, em si, movimentos educadores. Com o pretuguês⁶ de Lélia Gonzalez e a nossa negro-cearensidade, tecemos escritas subversivas para dismantelar as tecnologias racistas que buscam apagar nossa ancestralidade. Esse processo de dismantelamento já acontecia em mentes construídas em corpos-território, previamente demarcados pela pedagogia de falar, articular e existir com nome e sobrenome, em todos os territórios que nossos corpos atravessavam e eram atravessados.

Essas demarcações foram e continuam sendo essenciais para enfrentar o racismo à brasileira, que subalterniza vozes e presenças como parte da política de negar nossa existência negra. Das salas de aula ao quarto de despejo⁷ das periferias de Fortaleza, Lélia Gonzalez permanece viva em rodas de conversa, escritas acadêmicas, sambas-enredo, blocos de carnaval e terreiros. Embora não tenhamos registros de sua presença física no Ceará, seu legado persiste nas ações de formação política no Movimento Negro Unificado, fundado em 1995 no Ceará, e nas conversas com Alex Ratts.

O professor Alex Ratts, como um griot⁸ e filho de Xangô, compartilha sua experiência com Lélia, instigando-nos a reencontrar sua escrita desobediente, e ir além, pois “é fundamental

⁴ Termo usado entre a militância do movimento negro para referenciar espaços de encontro e articulação política.

⁵ Termo usado nas periferias do Brasil para designar pessoas endógenas à comunidade referência.

⁶ Segundo Lélia Gonzalez, o pretuguês “nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil” (1988, p. 69).

⁷ Em alusão ao nome do livro *Quarto de Despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus.

⁸ São aqueles que contam as histórias, narram os acontecimentos de um povo, passando as tradições para as gerações futuras. Fonte: <<https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/abdias-nascimento/o-griot/>>

ler mulheres negras do Nordeste” enfatizava, com mãos e olhos erguidos em pretuguês. Trinta anos após sua presença ancestral, Lélia Gonzalez, a partir da política do encantamento e das águas de Oxum, inspira uma geração de jovens negros intelectuais que articulam o pensamento amefricano como campo teórico e prática política criativa. Segundo Gonzalez (1988), além de seu caráter puramente geográfico, a categoria de Amefricanidade “incorpora um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) centrado na experiência africana” (p. 76).

Portanto, os deslocamentos epistemológicos enraizados na intelectualidade negra em movimento no último período são marcados pelo afrorreferenciamento na produção teórica e na formulação política de um projeto para pensar a realidade social brasileira. A produção teórica de Lélia Gonzalez atualiza o projeto de emancipação do povo brasileiro das amarras da exploração e opressão sobre corpos e territórios dissidentes da lógica colonial. É evidente que aqueles 'de cabeça feita' pelos textos-mundo de Lélia Gonzalez, ao som do Ilê Aiyê, seguem a dança rebelde que movimenta o corpo entre o teórico e o prático, com o objetivo de descolonizar mentes, olhares e escritas para colocar em cena e reconhecer nosso poder ancestral.

Luiza Bairros⁹ (2000) chama nossa atenção para o papel da militância negra no artigo “Lembrando Lélia Gonzalez 1935-1994”, destacando a contribuição de Lélia e outros militantes negros para nossa história contemporânea, que ainda não foi devidamente avaliada e reconhecida. Este artigo, em torno de nossas escrevivências, entregamos ao balaio de Oxum para adoçar nossas vidas e afiar nossas línguas e escritas, desestruturando a ordem patriarcal, racista, LGB-Tfóbica e capitalista que ameaça a existência amefricana. Nossa escrita segue encruzilhada com os sonhos, sorrisos e sambas do cotidiano, como remédio caseiro produzido pelas nossas Iyás¹⁰ diante do adoecimento do corpo e da alma da negra gente. Encontramos Lélia Gonzalez nas ruas, becos e vilas da Fortaleza negra e nordestina, que continuam em luta contra a negação de nossas existências e produção teórica e acadêmica.

Fazendo cabeça com Lélia Gonzalez: negra presença amefricana em movimento

“Fazer cabeça” é uma expressão utilizada nas comunidades tradicionais de terreiro para descrever o ato de iniciação no candomblé para o Orixá. Para ser iniciado, é necessário

⁹ Luiza Helena Bairros é socióloga e foi ministra da Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial (2011-2015), liderança do Movimento Negro Unificado (MNU), do movimento de mulheres negras e latino-americanas.

¹⁰ Se refere à mãe nas comunidades tradicionais de terreiro no Brasil.

pertencer a uma família de axé e se entregar aos cuidados da Iyalorixá¹¹ ou do Babalorixá¹² e da comunidade. O ato de iniciação envolve a entrega aos mistérios dos orixás e aos encantamentos necessários para assumir um novo nome e identidade no mundo. “Fazer cabeça” é renascer com nome e sobrenome para atuar de forma coletiva e reterritorializada.

Somos parte da geração que “faz cabeça” pelas mãos e voz de Lélia Gonzalez para 'entrar em cena' e atuar de forma coletiva, teorizando sobre as questões da comunidade negra e projetando movimentos emancipatórios. A “feitura de cabeça” é parte do ato político e formativo que possibilita que corpos e vozes coletivas, dissidentes da matriz de pensamento e práticas eurocêntricas, formulem perspectivas e leituras de mundo ancoradas na experiência cotidiana de pessoas negras, LGBTQIAPN+, povos indígenas, etc., enquanto territorialidades de novas possibilidades epistemológicas.

Lélia Gonzalez (2020) destaca a importância dos Movimentos Negros como espaço essencial para discutir e desenvolver uma consciência política sobre o racismo, suas práticas e sua interligação com a exploração de classe. Na política do encontro, são forjadas as cabeças em corpos dissidentes. Na ação política e na condução das iniciativas de organização negra, é possível construir diálogos e aprendizados para forjar coletividades negras conscientes de seu papel e lugar em sistemas de opressão e exploração.

Os Movimentos Negros no Brasil são essa *dicisa*¹³, onde é possível deitar para fazer cabeça e articular o pensamento, pois se trata da nossa história e da possibilidade de reescrevê-la em movimento, utilizando as epistemologias amefricanas para não reproduzir ou produzir a gramática do opressor carregada de racismo, sexismo e lgbtfobia.

A trajetória desse movimento vem se caracterizando pelo dinamismo, pela elaboração e reelaboração, em cada conjuntura histórica, de diversas estratégias de luta a favor da integração do negro e erradicação do racismo na sociedade brasileira (Domingues, 2007, p. 122).

Portanto, em diálogo com Domingues (2007), esse movimentação só é possível demarcando nossa presença-mundo nas espacialidades acadêmicas e no Movimento Negro, na ocupação da política institucional e em todos os lugares de trânsito que possibilitem afirmar nosso pertencimento amefricano e potencializar vozes. É na agitação da negra militância que é possível desenvolver a escrita subversiva que apresenta outras categorias de análise sobre a realidade brasileira, com ênfase na experiência dos povos indígenas e negros, como um ato político-epistemológico com o objetivo de combater as estruturas do racismo. É “por aí que dá pra gente

¹¹ Termo utilizado para mulheres que estão na condução de terreiros de candomblé.

¹² Termo utilizado para homens que estão na condução de terreiros de candomblé.

¹³ Nome utilizado para se referir à esteira em comunidades de Candomblé.

entender a ideologia do branqueamento, a lógica da dominação da negrada mediante a internalização e a reprodução dos valores brancos” (Gonzalez, 1984, p. 89).

O ato de entender a ideologia do branqueamento e seu impacto na sociedade e nos lugares “progressistas” de trânsito da negra militância contribui para as nuances e significados do impacto ideológico e social do racismo à brasileira. Em seu texto “Branqueamento e Branquitude no Brasil”, Cida Bento (2016) trata da perpetuação do poder dominante baseado nas relações raciais por meio de um pacto: “um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil” (Bento, 2016, p. 02). Segundo Cida Bento,

o silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vem acompanhado de um pesado investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana. (...) Freud identifica a expressão do amor a si mesmo, ou seja, o narcisismo, como elemento que trabalha para a preservação do indivíduo e que gera aversões ao que é estranho, diferente (Bento, 2016, p. 06).

Segundo Gonzalez, nós negros estamos na “lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim determina a lógica da dominação” (Gonzalez, 1984, p. 77). Essa mesma lógica de dominação implica a eliminação física e intelectual, pois o lugar do lixo, do descartável continua sendo a norma em todos os espaços por onde a presença negra transita constantemente.

As vivências negras em movimento nos espaços públicos, de incidência política e produção teórica têm possibilitado a construção de análises afrocentradas sobre presença, performance e olhares. Lélia Gonzalez continua sua obra de 'fazer cabeça' e cortar línguas para que o corpo negro, agora territorializado em terras e águas amefricanas, possa se mover em sua negra potência, articulada esteticamente na perspectiva do feminismo negro.

“Isso é fala agitativa, cadê os conceitos?": olhar branco sobre nosso negro-falar

“— Era manhã de sexta-feira e o auditório da universidade tava cheio de gente pra discutir sobre racismo no Ceará. Tinha gente de todos os campos políticos da cidade, teve até gente branca na sala. A negrada toda estava agitativa na sala para resolver as questões de passagem de ônibus do pessoal, garantir alimentação, onde o pessoal vai dormir. Todas essas coisas de organização de evento que toma conta da cabeça da gente. O pessoal da mesa era gente do MNU e tinha dois pesquisadores sobre negritudes, com pós-doutorado e tudo. Rapaz, tinha gente de todas as áreas pra escutar a negrada falar... nem sei se por curiosidade ou admiração. As pessoas do MNU que iam falar eram três mulheres negras que tinham chegado umas 3 horas antes pra organizar o espaço, ornamentar e conferir tudo. O evento foi um sucesso, de alto debate... depois a turma foi tomar uma cerveja com os amigos e aliados, cerveja vai e cerveja vem... um deles disse “a conversa foi boa”, mas é preciso que sejam falas orientadas pelas categorias de análise da realidade brasileira e referenciadas em teóricos do pensamento social brasileiro e não em falas agitativas... aquela menina é boa e precisa de formação política pra ela

ajudar a gente a formular pro nosso campo... ela só quer ler a Lélia Gonçalves. É Lélia, né, o nome dela? A cerveja acabou e a mesa virou...”¹⁴ (Autores, 2024).

O episódio vivenciado retrata as expectativas coloniais daqueles que esperam que a negra em movimento desloque seu pensamento e seu repertório para os intérpretes brancos da realidade brasileira, e que trate as questões dentro desses termos e categorias. A militância negra e acadêmica que contribui em espaços de formação, rodas de debate e diálogos vivencia na pele os demarcadores do 'Lugar de Negro'; ou seja, o microfone, a mesa e os livros não fazem parte da estética do corpo que fala. A branquitude, mesmo a progressista, fica impaciente com os deslocamentos teóricos e epistemológicos provocados pela presença negra que desafia escritas e interpretações desracializadas da realidade brasileira.

A fala das coletividades negras, ousadas em ocupar as mesas e segurar o microfone, é permeada por uma série de desqualificações no pós-evento ou espaço; logo, a fala é colocada no campo das emoções, do subjetivo, da sensibilidade e sem capacidade de articulação teórica, como parâmetro de validação da exposição. Lélia Gonzalez afirmava que “o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as suas implicações” (Gonzalez, 1984, p. 77). Os riscos de falar e posicionar o corpo-coletivo negro no mundo, assumindo todas as consequências desse lugar, possibilitam movimentar, entre nós e na sociedade, uma radical imaginação política e teórica sobre nós mesmos e redefinir agendas inegociáveis.

A presença da intelectualidade negra orgânica tem como um dos seus demarcadores a capacidade de tensionar a questão racial em espaços que historicamente foram teorizados apenas pela ótica da branquitude, que desenvolveu seu percurso narrativo em torno de estudos 'sobre o problema do negro no Brasil'. É crucial destacar que, a partir da década de 50 do século passado, a presença da intelectualidade negra subverteu a leitura das questões das relações étnico-raciais e do racismo, referenciada pelo olhar e pela experiência de negras e negros, passando a sistematizar e disputar os sentidos em torno da questão racial no Brasil.

O deslocamento político realizado nos últimos trinta anos, graças a Lélia Gonzalez e tantas outras mulheres negras intelectuais insubmissas em movimento, possibilitou que gerações inteiras recuperasse a voz, a escrita e o poder de mobilizar agendas de incidência política carregadas de conteúdos, sentidos e projetos societários. Os corpos negros-teóricos em movimento insurgem dos lugares que historicamente foram teorizados e sistematizados pela branca 'gente-boua'.

¹⁴ Essa história faz parte das memórias partilhadas entre os autores.

A intelectualidade negra em movimento, ao assumir seu devido lugar na mesa e na escrita acadêmica, posiciona-se como agente histórico que movimenta e politiza o espaço de socialização e construção de narrativas teóricas e práticas para dismantelar a ótica colonial racista. Não se trata apenas de emoção. É sobre corpos marcados para morrer, ser encarcerados e infantilizados no exercício da fala e do ato de falar, escrever, sistematizar e disputar. O ato de teorizar, sistematizar e mobilizar a negra gente passa pelo corpo-cabeça e voz, pois temos a língua cruzada nas mandingas do pretuguês, que é portadora deste axé que desperta cabeças para a feitura pelas mãos de Lélia Gonzalez, a criadora de caos!

Feitos por Lelia Gonzalez e na *dicisa* dos Movimentos Negros: os negro-cearenses na construção de espacialidades, epistemologias, sambas e política

O estado do Ceará é tão marcado pelo racismo e pela invisibilidade da presença negra que foi necessária muita luta para afirmar direitos e visibilidade. Aqui, a 'intelectualidade' e os 'cânones' cearenses também se utilizaram do racismo científico presente nas Ciências Sociais e em diversas áreas do conhecimento acadêmico e político para negligenciar os históricos de massacres e de coletividades.

Segundo Ratts (2011), a invisibilidade negra (e indígena) no Ceará é um discurso geográfico e político. Se não há negros, não há movimento, história e direitos dos negros. Porém, é nesse território que presenciamos a forma mais criativa de Amefricanidade, pois a existência e resistência dos povos indígenas, negros e africanos se fazem presentes nas mais diversas épocas de nossa história.

Atualmente, o Ceará está organizado em 5 macrorregiões (Fortaleza, Norte, Cariri, Sertão Central, Litoral Leste e Vale do Jaguaribe), com uma população indígena estimada em cerca de 36 mil pessoas, pertencentes a 15 povos indígenas – Anacé, Gavião, Kanindé, Kariri, Tremembé, Tapeba, Jenipapo-Kanindé, Pitaguary, Kalabaça, Karão, Tapuia-Kariri, Tubiba-Tapuia, Potyguara, Tabajara e Tupinambá, de acordo com os dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2022.

Quanto às comunidades quilombolas, foram registrados 23.955 quilombolas distribuídos em 68 dos 184 municípios do estado. Destacam-se as cidades com maior número de remanescentes quilombolas, como Caucaia (2.615), Horizonte (2.282), Salitre (1.804), Tururu (1.804), Tauá (1.069), Novo Oriente (1.053) e Aracati (1.016). Além disso, o Censo Demográfico de 2022 revelou que, no Ceará, 5.690.973 pessoas declararam-se pardas (64,7%), 2.456.214 brancas (27,9%), 595.694 pretas (6,8%), 56.372 indígenas (0,6%) e 11.256 amarelas (0,1%), o que significa que 71,5% da população se identifica como negra.

Esses dados recentes nos ensinam algumas lições. Primeiramente, eles desmentem a 'história oficial' do Ceará, que tem negado a presença negra e indígena, demonstrando que, ao longo dos anos, a população negra tem afirmado cada vez mais seu lugar e identidade. Em segundo lugar, podemos colocar essa conquista na lista de vitórias alcançadas pela luta dos Movimentos Negros organizados no Brasil, visto que os dados do Censo de 2022 refletem um aumento na autodeclaração de pardos e pretos, o que se observa em todo o Brasil, incluindo o Ceará.

É por isso que a presença de Lélia Gonzalez é tão crucial e relevante nas discussões sobre a questão racial no Ceará, pois, com ela, o ativismo dos Movimentos Negros pôde perceber, de forma mais clara, a violência racial, manifestada na negação da presença negra, indígena e africana. Por exemplo, os mapeamentos das comunidades negras, realizados por Alex Ratts em 1998 por indicação da Comissão Nacional Provisória de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, resultaram no resgate da ancestralidade e na afirmação da identidade quilombola em diversos territórios no interior do Ceará. Posteriormente, muitos desses locais foram reconhecidos como remanescentes quilombolas, como é o caso do Quilombo de Conceição dos Caetanos, na cidade de Tururu, mencionada entre as cidades com maior presença quilombola conforme os dados apresentados anteriormente.

A Terra da Luz continua sendo um espaço de ocupação negra diaspórica, onde a presença de africanos das mais diversas nacionalidades do continente africano é parte do dia a dia, principalmente na região do Maciço de Baturité, onde se localiza a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), criada no dia 20 de julho de 2010 pela Lei nº 12.289, porém só começou a funcionar dia 25 de maio de 2011, dia estadual da África no Ceará.

Portanto, essas ações mostram como a atuação de pessoas amefricanas em prol da sua comunidade tem consequências diretas para nós mesmos, a exemplo do mapeamento da presença quilombola no Ceará e também com ações de reparação histórica aos povos africanos e afro-brasileiros, a partir da criação de uma universidade que tem impacto significativos na construção de uma nova e negra narrativa sobre o estado do Ceará. É nessa construção criativa e concreta da amefricanidade que Lélia Gonzalez continua esse caminhar em terras cearenses, pois, em 2018, diversos Movimentos Negros, em Fortaleza e na Unilab, tiveram uma tarefa histórica de construir a “Marcha Contra o Racismo” rumo ao Fórum Social Mundial, que teve como tema “Resistir é criar, resistir é transformar!” e aconteceu nos dias 13 e 17 de março em Salvador (BA).

Foi nesse processo que tivemos a fundação do “Bloco Lélia Gonzalez”, com objetivo de divulgar as obras da intelectual e o seu papel imprescindível para a formação do Movimentos Negros no Brasil, fazendo parte da mobilização ativa para a Marcha. A autora do livro “Festas Populares no Brasil” materializou-se mais uma vez pelas mãos de ativistas em pleno pré-

carnaval na Praça da Gentilândia, no bairro Benfica, em Fortaleza, e nas ruas do Centro de Fortaleza, no ato do dia 8 de março, dia internacional das mulheres.

Um ano após o sucesso da articulação da “Marcha Contra o Racismo” em 2019, foi fundada a iniciativa Diálogos Negros, com intuito de organizar espaços de formação política e interação entre a negrada do Ceará, pois foi sentida a necessidade de promover ambientes que fortalecessem a produção intelectual de e para pessoas negras (Aguilar, 2021, p. 56). E, para a terceira atividade, o tema escolhido foi "O Pensamento de Lélia Gonzalez". Para contribuir com isso, convidamos uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado no Ceará e uma professora do Instituto Federal do Ceará, também associada ao MNU Ceará, para apresentar à nova geração de militantes a importância do pensamento de Lélia Gonzalez na interpretação da realidade brasileira e no papel do feminismo negro como contribuição teórica e prática para combater a violência racial.

Essas ações foram essenciais para o protagonismo das mulheres dentro e fora do Movimento Negro Unificado no Ceará, pois nossos corpos e vozes tomaram a frente para afirmar a necessidade de uma atuação do MNU que tenha como centralidade a questão das mulheres negras. É imprescindível demarcar que o feminismo negro ganha contornos específicos a partir da experiência de mulheres negras do Ceará e de seu trânsito nos movimentos de mulheres negras em nível regional e nacional. Afirmar o lugar da elaboração teórica e ativista a partir do feminismo negro é posicionar-se em chaves de leitura e proposições ancoradas na experiência histórica das mulheres negras.

Em 2022, na UNILAB, por iniciativa de professoras negras, foi lançado o Projeto de Extensão “Lélia Gonzalez, Presente! Projeto de Formação Interdisciplinar, Intelectual e Política sobre o Pensamento Feminista Negro, Conhecimento e Empoderamento de Mulheres Negras”. O objetivo é promover o empoderamento intelectual e político de mulheres negras, por meio de formação e estudos sobre o “Pensamento Feminista Negro no Brasil, na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, América Latina e América do Norte”, para juntas refletir e disseminar a produção intelectual e ativista de diversas mulheres negras. Essa ação de extensão alcançou estudantes não só da UNILAB, utilizando salas virtuais como ponto de encontro a cada primeiro sábado do mês ao longo de um ano. Durante a segunda edição, algumas estudantes tiveram a oportunidade de desempenhar o papel de formadoras, expondo suas pesquisas em diálogo com outras intelectuais.

Portanto, o enegrecimento apresentado sobre o estado do Ceará e as ações referenciadas em Lélia Gonzalez falam das nossas vivências, experiências e ações político-intelectuais, fazendo parte de um conjunto de iniciativas promovidas por pessoas negras que visam a construir escritas insubmissas. Ao mesmo tempo, tem como perspectiva fortalecer os processos de

mobilidade de negras e negros em espaços acadêmicos e do movimento social. O artigo apresentado insere-se na discursividade comprometida com processos de resistência e incidência política em torno de pautas inegociáveis, inspiradas na militância de Lélia Gonzalez, que reverbera nas tarefas de sistematização e continuidade que assumimos, seja na leitura e aprofundamento teórico, seja nos processos organizativos de resistência frente à violência racial e colonial.

Resistência negra em pautas inegociáveis: continuidades com Lélia Gonzalez

Pretendemos, com o presente artigo, colocar em debate o papel central de Lélia Gonzalez na formação da militância amefricana e na construção de pautas inegociáveis, que, no último período, têm se afirmado por meio da construção de territórios demarcados e reconhecidos pelo feminismo afro-latino-americano. Esse campo teórico, organizado a partir do pensamento de Lélia Gonzalez, vem possibilitando a construção de metodologias amefricanas como chave de leitura para interpretar a formação social brasileira.

A continuidade das agendas inegociáveis só é possível através da formação das intelectualidades negras orgânicas e sua profunda relação com seus territórios de vivência. Localizar e situar nossa leitura considerando o sexismo e o racismo é fundamental para entender as especificidades de como o racismo, enquanto ideologia, afeta, de diferentes formas, as comunidades negras. Lélia Gonzalez provoca: “O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo” (Gonzalez, 2020, p. 76). É essencial a construção de espaços que reterritorializam a produção teórica e o ativismo político da militância negra para superar óticas cristalizadas que desconsideram o sexismo e o racismo como partes da mesma matriz epistêmica.

É fundamental compreender o papel necessário que essa agenda tem para a continuidade da formação da intelectualidade orgânica negra. Recuperar a voz e a escrita coletiva sobre nós é essencial para interromper aqueles que acreditam que o corpo negro é descartável. A experiência negra, que se movimenta, traduz suas percepções através do seu corpo-texto, da sua posição no mundo e da profunda arte de tensionar para o bem-viver da coletividade negra.

A experiência negra não é matéria de ficção, mas uma realidade vivida amefricana enquanto texto autoral inegociável, que possibilita disputar projetos de mundo referenciados nas diversas formas de resistência e quilombagem na diáspora. As afirmações apresentadas só foram possíveis de ser sistematizadas por conta do aquilombar da intelectualidade negra, forjada na experiência que apresenta alternativas. A continuidade da ação estratégica e autônoma dos Movimentos Negros

brasileiro é inegociável para possibilitar articulações e mobilizações frente ao aumento da letalidade do Estado, da violência policial e do encarceramento da juventude negra.

A posição aqui definida como inegociável tem como objetivo salvaguardar o patrimônio ancestral do povo negro, especialmente das mulheres negras. Essa posição movimenta nossas escritas e vivências, disputando e desmontando narrativas de subalternização das vidas da nossa produção social negra. O lugar que ocupamos na produção acadêmica, na militância política nos Movimentos Negros e na disputa de projetos permite trazer, para o texto, nossa atuação nas diversas frentes e territórios do saber.

É inegociável que nossas escritas negras sejam desconsideradas enquanto fortaleza e referência para forjar humanidades e pensamento crítico. O texto-território apresentado é inspirado na presença ancestral de Lélia Gonzalez entre nós, a negrada do Ceará. Os diversos eventos acadêmicos e no âmbito do movimento social negro, organizados por nós, demonstram a centralidade do pensamento de Lélia Gonzalez para pensar nossas especificidades enquanto negritudes do Ceará e sistematizar nossas experiências com o racismo à brasileira.

Não temos o objetivo de concluir o texto, mas sim de seguir no Xirê¹⁵ de possibilidades através da sonoridade dissidente da colonialidade. O texto faz-se organização e memória ao mesmo tempo que socializa o sensível nosso em diálogo com categorias de análise necessárias para a construção de agendas inegociáveis em torno do fazer acadêmico, da escrita e das tecnologias.

Referências

AGUIAR, Reinaldo Pereira de (Coord.). VIEIRA, Itamir; ARAÚJO, Nixon Gleyson Melo de Araújo (Orgs.). *V Festival das Culturas: Diversidade na Universidade - Arte & Cultura, Direitos Humanos & Inclusão*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/wp-content/uploads/2023/07/EBOOK_V-Festival-das-Cul.turas-da-UNILAB.pdf. Acesso em: 17 jul 24.

BAIROS, Luíza. Lembrando Lélia Gonzalez 1935-1994. *Afro-Ásia*, Salvador, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20990>. Acesso em: 17 jul. 24.

BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray (Orgs.). *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo* [online]. 2007, v. 12, n. 23, p. 100-122.

EVARISTO, Conceição. Escrivivência. *Leituras Brasileiras*, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 17 jul. 2024.

¹⁵ Palavra yorubá que significa roda, dança para a evocação dos orixás.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984. p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. In: LIMA, Márcia; RIOS, Flávia (Orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2022*. Brasil, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39525-censo-2022-informacoes-de-populacao-e-domicilios-por-setores-censitarios-auxiliam-gestao-publica>. Acesso em: 17 jul. 2024.

RATTS, Alex. O negro no Ceará (ou o Ceará negro). In: CUNHA JUNIOR, Henrique; SILVA, Joselina da; NUNES, Cícera (Orgs.). *Artefatos da cultura negra no Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez*. Retratos do Brasil Negro. São Paulo: Selo Negro, 2010.

Recebido em 21/07/2024
Aprovado em 17/12/2024
Publicado em 31/12/2024